

HERMENÊUTICA EM ATOS DE CURRÍCULO E POLÍTICAS DE SENTIDO

Sandra Suely de Oliveira Souza

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB
sandraso.s@hotmail.com

Resumo: Este artigo é resultado da tese de doutorado inserida na linha de pesquisa em Currículo e (In)formação com a intenção de investigar a tessitura da reforma curricular do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié com vista a interpretar o acontecimento. Para o estudo optei pela hermenêutica fenomenológica de Paul Ricoeur tendo como fio condutor as narrativas em torno da política de sentido desenhada na trama. Nesse sentido, a pesquisa seguiu pela abordagem qualitativa e com isso, fiz o entrecruzamento do conceito de reconhecimento com o conceito de atos de currículo para interpretar a ação curricular pelo viés filosófico e ontológico. Importante destacar que o desfecho da reforma curricular se configurou num cenário onde plasmaram comportamentos, sentimentos e posicionamentos entre os sujeitos, marcado por uma política de sentido em atos de currículo marcado por conflitos pessoais, articulações, contradições e disputas.

Palavras-chave: Memória. Hermenêutica. Reconhecimento

Introdução

Esse artigo é resultado da pesquisa de doutorado, cuja intenção foi investigar a tessitura da reforma curricular do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié com vista a interpretar o acontecimento. Para o estudo optei pela hermenêutica fenomenológica de Paul Ricoeur tendo como fio condutor as narrativas em torno da política de sentido desenhada na trama.

Na dinâmica de tessitura do novo currículo, pude perceber que este não é um conjunto neutro de conhecimento, mas o resultado da visão de um grupo acerca do que seja conhecimento legítimo. O processo de definição não aconteceu de forma tranquila, mas tecido em meio às tensões, conflitos, negociações, articulações e concessões tecido na arena de debates entre pessoas autorizadas a pensar/definir/gestar o conhecimento corporificado pelas trocas intersubjetivas. O

processo histórico de tessitura da reforma aconteceu em três momentos, reflexo da transitoriedade/mobilidade/descontinuidade/circularidade e não linearidade/ rigidez/ mecanicidade/previsibilidade na produção de currículo.

Com esse olhar, a problemática da pesquisa foi se mostrando gradativamente, quando compreendi que a tessitura de um currículo não é um empreendimento que se concebe de forma aligeirada, com retoques, ajustes/adaptações, ou restrito a poucas vozes para decidir a natureza e o alcance de um curso. Outro fator considerado foi por perceber como era recorrente a descontinuidade dos debates dentro da universidade, a falta de vigor, de aventura pensante no sentido de coletivizar mais as discussões no processo da reforma curricular. Frente a não implicação de muitos docentes no processo, e a distância de muitos discentes ao não se inteirarem sobre o que estava acontecendo, percebi que o currículo produzido reflete nossas atitudes, escolhas e o discurso que produzimos.

O fio da pesquisa se direcionou pela tentativa de narrar o processo a fim de compreender a dinâmica que se estendeu por sete anos. Ao resgatar o desfecho desse acontecimento, via a possibilidade de fazer um registro histórico com vistas a valorizar o empenho, o envolvimento e o tempo dedicado pelas pessoas que se dispuseram a contribuir para dar um novo rumo ao curso de Pedagogia em Jequié.

Portanto, o contorno da pesquisa seguiu no intuito de transitar pelo campo da política na perspectiva de considerar que esta acontece em terreno marcado por articulações, contradições, opacidades e disputas produtoras de sentido, fruto da complexidade humana. Desse modo, a partir das narrativas produzidas pelos membros das comissões instituídas em três momentos da reforma, intencionei compreender como se configurou o processo de tessitura da reforma curricular do curso de Pedagogia da UESB, campus de Jequié?

Para tanto, recorri aos documentos produzidos e arquivados no decorrer da reforma, bem como, entrevistas realizadas com onze professores que fizeram parte das comissões nos diferentes momentos, e três discentes egressos (cada um em um período) que também atuaram no processo. A respeito da configuração do estudo, a fenomenologia foi o caminho escolhido por entender que o olhar sobre o fenômeno não é único, mas uma perspectiva entre outros. Portanto: “o reconhecimento da relatividade da perspectiva é, simultânea e necessariamente, o reconhecimento

da relatividade da verdade” (CRITELLI 2007. P. 13).

O caminho pretendido foi uma escolha sem a pretensão de explicar o acontecimento, mas a sutileza da trama, sobre o modo humano de ser-no-mundo-com tecido por fios de significações. Desse modo, o estudo seguiu pela hermenêutica do currículo com vistas a interpretar as sinuosidades dos movimentos e desdobramentos nos debates, articulações e decisões até a materialização de um novo desenho curricular.

Minha itinerância no diálogo com Paul Ricoeur

Em vista do que pretendia, escolhi transitar pelos pressupostos de uma ciência que me ajudasse a caminhar sem a pretensão de dar respostas, mas que possibilitasse dialogar com a ontologia humana, a fim de refletir para tentar compreender o ser-no-mundo-com, de como se cria possibilidades, ou, tece aventuras na arena das relações intersubjetivas. Por esse caminho inclinei meu interesse pela pesquisa em currículo com olhar fenomenológico, razão pela qual elegi tracejar a hermenêutica da trama ao tempo em que realizo uma auto-hermenêutica a partir dessa experiência. Sem a pretensão de dar respostas, lancei mão das memórias compartilhadas. De acordo com Ricoeur:

Da memória compartilhada passa-se à memória coletiva e a suas comemorações ligadas a lugares consagrados pela tradição: foi por ocasião dessas experiências vividas que fora introduzida a noção de lugar de memória, anterior às expressões e às fixações que fizeram a fortuna ulterior dessa expressão (RICOEUR, 2007, p. 157).

O filósofo aborda que nos testemunhos vivenciados nas construções ontológicas, os compartilhamentos de experiências os discursos são transformados, ressignificados e lançados ao mundo. Com esse olhar inclinei meu interesse em narrar sobre a trajetória da reforma curricular, ao perceber que esse acontecimento não poderia ser esquecido, não poderia ser legado a um acontecimento banal, como mais um episódio deliberativo entre as demandas de trabalho dentro da universidade. Essa história merecia ser narrada e registrada, para que não se apagassem os rastros desse acontecimento de nossas memórias. Vale destacar, que a história se

faz a partir de acontecimentos e reconhecimentos, ao lembrar, narrar, compartilhar, aproximar discursos e gera a similitude nos diálogos entre os sujeitos. Com esse entendimento, busquei dialogar com as pessoas que vivenciaram o acontecimento da reforma. Nas palavras de Ricoeur (2007, p. 133): “É no quadro do pensamento coletivo que encontramos os meios de evocar a sequência e o encadeamento dos objetos. Somente o pensamento coletivo consegue realizar essa operação”. A história se faz no espaço-tempo, e graças à memória individual e coletiva, os acontecimentos compartilhados através das narrativas como testemunho, ajudam a rememorar e a construir e reconstruir caminhos e saberes de si com o outro numa história que é de todos nós.

A hermenêutica ricoeuriana se mostra como adequado caminho de compreensão do discurso ou da ação, configurando-se como processo mimético. Por isso sinalizo que ele vai além das controvérsias para criar um estilo próprio da filosofia quando assume a tarefa de instigar conhecer o si mesmo fazendo o desvio pela interpretação dos signos por meio da existência. Pode-se dizer que Ricoeur é considerado pensador polimórfico, pois pensa em evolução e movimentos a partir desses operadores citados que implicam à dinâmica da compreensão e da explicação. A sua extensa obra caracteriza-se não só pela diversidade dos temas, como também, pelo retorno sucessivo a interpretações que faz a partir desses temas, sendo, portanto, inevitável fazê-lo, face à natureza ontológica da hermenêutica, enquanto um processo de autorreflexão do sujeito, sempre a partir de suas mediações culturais e, especificamente, textuais. A partir dessas mediações surgem às criações que o próprio sujeito elabora não como um processo de auto-constituição, mas como resultado de algo que se lhe tornou externo e autônomo - o mundo do texto.

Nessa perspectiva, ao adentrar pela hermenêutica, meu interesse se inclinou por realçar a dimensão da ontologia no currículo, onde o ser sendo no mundo, atribui sentido a sua ação e cria ou recria (seja consciente ou inconscientemente), estratégias políticas para firmar intenções ou posições no seio do grupo. Numa polissemia configurante, o currículo se mostrou no seio das relações, de intenções humanas, de grupos que se articularam, possibilitando assim, uma construção propositiva e provocativa nos ‘atos currículo’ como preconiza Macedo (2011),

precisamente ao colocar em evidência o sentido existencial de cada pessoa na experiência de pensar, discutir, propor e gestar o currículo.

Ao considerar os ‘atos de currículo’ como fenômeno, como ‘facticidade’, reconheço aí uma experiência profundamente humana cujas pessoas que protagonizaram o desfecho da reforma, estiveram implicadas no processo e foram convocadas a lidar com situações de conflito. Desse modo, ao propor uma hermenêutica do acontecimento, vislumbrei a possibilidade desvelar o jogo de manifestações discursivas como modo de produção de uma política de sentido na arena onde se produziu ‘atos de currículo’ entre pessoas implicadas no processo (MACEDO, 2011).

Nesse sentido, fui delineando a pesquisa considerando entrecruzar o conceito de ‘atos de currículo’ com o conceito de reconhecimento como um arquétipo transitante na trama de significações. E por que trazer esse conceito? Por se tratar de uma pesquisa orientada pela fenomenologia enquanto caminho que visa conhecer a realidade possível no tecido de interrogante das ações humanas, o conceito de reconhecimento foi tomado como um ponto de referência para interpretar o fenômeno do acontecimento da reforma curricular a partir dos discursos que foram emergindo nessa trama.

O percurso do reconhecimento

Fiz diferentes caminhos para chegar à hermenêutica de Ricoeur e, nessa itinerância dos aportes teóricos, encontrei a obra do filósofo consagrada ao conceito de reconhecimento, cujo título, “O percurso do reconhecimento” foi publicada na língua francesa em 2004 e traduzida para o português em 2006.

O fio condutor do percurso teórico realizado pelo filósofo se deu mediante três estudos: o primeiro se configura numa hermenêutica do reconhecimento como identificação no sentido do identificar/distinguir, ou seja, reconhecer alguma coisa como o mesmo, como idêntico a si mesmo e não como diferente. Para tanto, entram em cena nesse primeiro estudo a filosofia cartesiana e kantiana, no intuito de traçar um caminho em que o autor toma para si o desafio de não restringir o reconhecimento apenas ao ato de conhecer.

O percurso seguinte no segundo estudo, ele discorre sobre o reconhecimento no sentido de reconhecer-se a si mesmo. Nessa perspectiva, ele aborda o tema da identidade em busca do reconhecimento de si. Para esse empreendimento, Ricoeur (2006b) transita pela antiguidade grega como pano de fundo para discutir o agir e seu agente com base na epopéia e na tragédia da poética grega tomando como foco o reconhecimento de responsabilidade. Com o mesmo propósito, ele recorre à ética aristotélica com sua definição de decisão, e por fim, a problemática do reconhecimento de si culmina com a memória e a promessa na dialética entre a ‘mesmidade’ e a ‘ipseidade’ constitutivos da identidade pessoal. Por fim, chega o filósofo ao seu terceiro estudo com o reconhecimento mútuo continuando com a questão da identidade, onde ele atingirá o ponto culminante no sentido de perceber nossa identidade mais autêntica como aquela que nos faz ser o que somos e que busca ser reconhecida pelo outro.

Reconhecimento do lugar da pesquisa e os protagonistas no tecer das cores: diferentes tonalidades entre nuances e matizes.

Quanto ao lugar da pesquisa, destaco no primeiro momento, o lugar entendido pela linguagem comum referindo-se à localização do espaço euclidiano. Assim, na concretude do lugar, a pesquisa foi desenvolvida na UESB em Jequié, lugar de minha itinerância profissional e local onde sabia que estavam guardadas as marcas do acontecimento da reforma curricular do curso. Mas, por outro lado, se parto do entendimento de conceber o lugar concernente a memória, lugar das operações cognitivas, busco na memória arquivada, as peripécias guardadas “nos palácios da memória,”¹ as experiências vividas por cada protagonista do acontecimento. Numa fenomenologia de lugar da memória, Ricoeur faz a comparação com o espaço de superposição de ‘locais’ arquitetônicos das construções nos mais variados espaços geográficos configurando sua urbanidade:

Da memória compartilhada passa-se gradativamente à memória coletiva e a suas comemorações ligadas a lugares consagrados pela tradição: foi por ocasião dessas experiências vividas que fora introduzidas a noção de lugar da memória (...). Seja

¹ Na obra: “O percurso do reconhecimento” (2006), Ricoeur cita as “Confissões de Santo Agostinho”, do Livro X onde ele abre com um hino à memória com a metáfora dos “vastos palácios da memória”.

ele espaço de fixação no qual o permanecer, ou espaço de circulação a percorrer, o espaço construído consiste em um sistema de sítios para as interações mais importantes da vida. Narrativa e construção operam um mesmo tipo de inscrição, uma na duração, a outra na dureza do material. Cada novo edifício inscreve-se no espaço urbano como uma narrativa em um meio de intertextualidade (RICOEUR, 2007, p. 157-159)

O filósofo alude ao plano arquitetural das construções para fazer uma analogia com o tempo da história, cujas localizações espaciais correspondem às datas do calendário e o ato de construir análoga a configuração narrativa. A prefiguração do ato arquitetural é o instante do desenho do espaço interior da moradia. Por sua vez o construir remete a configuração da narrativa por composição do enredo e o ato de habitar é resultante do construir aludindo a refiguração da narrativa produzida pelo leitor.

A partir dos dados sinalizados nos documentos escritos, fui percebendo os ‘nós’ que interpuseram no decorrer do processo da reforma curricular. Percebi que as sucessivas etapas da reforma foram marcadas num ciclo de alternância entre trabalhos produzidos por pequenos grupos e arquivamento do projeto. As pessoas que vivenciaram essa trama deixaram suas marcas, ocupando assim, a posição de testemunhas dessa história. Ao fazer o entrecruzamento entre as fontes (documentos escritos e entrevistas) para melhor amparar o registro do acontecimento, Ricoeur (2009) reconhece que é um procedimento vigoroso ao se fazer a dialética entre o indício e o testemunho como meio para alcançar consistência nos rastros da prova documental. Na tentativa de preservar o anonimato dos participantes, cada pessoa escolheu uma cor para serem identificados. Participaram doze professores que atuaram nas comissões em quatro períodos da reforma, bem como, três alunos egressos do curso de Pedagogia.

Atos de reconhecimento/identificação em atos de currículo

Para a hermenêutica dessa etapa, tomei como reflexão inicial o percurso de Ricoeur (2006b) acerca de reconhecimento/identificação. Em torno da complexidade da experiência temporal, o que não vemos ao tomarmos distância, muitas vezes gera em nós à sensação que deixou de existir.

Encaramos como finitude da coisa em si. Quando retorna ao nosso campo de visão, a primeira percepção diante da coisa é não reconhecermos mais como o mesmo. O tempo alterado nos faz acreditar que a coisa não existe mais. Essa é uma sensação natural. Com esse entendimento, as narrativas dos protagonistas deram as pautas para refletirmos, o que é mesmo currículo? E mais, nos possibilitar saber: O que aconteceu com o projeto pensado inicialmente pela primeira e segunda comissão? Foi negado para dar lugar a outro projeto?

Através das narrativas produzidas pelos protagonistas da reforma curricular, me interessei saber como as comissões posteriores a 2007 consideraram a projeto pensado pela segunda comissão, já que houve quatro momentos da reforma e sete anos depois, 'outro' projeto foi entregue para ser reconhecido ou legitimado como o novo Currículo do Curso de Pedagogia. O que aconteceu com a proposta inicial: Foi mantida, alterada ou ignorada para iniciar novo projeto? O pano de fundo para acompanhar esse desfecho foi o conceito de reconhecimento/identificação.

Essas discussões foram muito acirradas houve muitas controvérsias, muitas discussões bem intensas, por conta exatamente da questão do interesse de cada um. Agora, frente a essas discussões eu acho que existia uma imaturidade ainda do grupo... da comissão como um todo... e me incluo também, em relação a compreender esse currículo de uma forma mais ampla, que não restringia a questão da disciplina ou não, mas assim a pessoa educador que queremos formar, esse foi o ponto chave. Em alguns momentos faltou como se houvesse dificuldade de argumentação e de entender o posicionamento do outro frente à compreensão que ele tinha daquela defesa de ponto de vista ou de argumentação que estava sendo feita. (LILÁS)

Então assim, o tempo todo você é silenciado. Quando você não fala a voz da maioria ou quando você questiona um grupo que naquele momento detém o poder, você é silenciado. E nós tivemos isso hoje, na finalização do processo desse currículo, nós tivemos um grupo que assumiu um poder, né? Bem claramente assumiu o poder e esse poder determinou o que o currículo é hoje, tá? Então assim, não só eu, mas várias pessoas foram silenciadas neste... nesta caminhada final. No momento que o Projeto foi colocado e que nos ia ser apresentado, não era elemento mais de discussão, não era mais elemento de reflexão, já estava posto, então a gente era calado. (ROSA)

Eu acho que nem escutados e nem silenciados, mais de certa forma usados (riso) nesse processo. Houve um convite pra representatividade, e nesse jogo de interesse há um grupo que tenta puxar o estudante pra determinadas ideias. Como não houve uma participação mais ampliada para os estudantes, podendo escutar um pouco essas diversidades de perfis existentes no curso, então eu acho que não

houve uma escuta mesmo aos estudantes, aqueles que estão os mais interessados dentro desse processo. Acho que houve mais um uso da voz estudantil do que a escuta dessa voz estudantil. Por mais que em determinados momentos me recordo que houve poucos momentos, por exemplos, de assembleias de estudantes, que professores estavam na Comissão ou à frente pediam espaço pra poder falar da reformulação, mais sempre era falas muito evasivas, sem uma sistematização que permitisse uma compreensão, mais até como —nós estamos reformulando, —nós estamos discutindo, mais não no sentido de ouvir um posicionamento dos estudantes. (MARRROM-discente egresso)

O tecer das narrativas ajudou perceber como o currículo foi se mostrando e ao mesmo tempo se refazendo no percurso discursivo entre os protagonistas. As pessoas se implicaram no processo, se manifestaram a partir de suas convicções, intenções ou crenças. Desse modo, a primeira tentativa de reconhecimento como identificação dos ‘atos de currículo’, ancora-se na interpretação das falas produtora de sentido. Em algumas memórias feridas, a proposta pensada inicialmente não foi valorizada. O fato de conceber o projeto e não ser posto em prática foi frustrante quando o projeto criado inicialmente ficou ‘dormitando’.

O reconhecimento do conflito no acontecimento da reforma nos mostra que houve ação política articulada para atender aos interesses de uma minoria, já que poucas vozes ecoaram na composição de um projeto político coletivo com o envolvimento de outros seguimentos. Instalado o conflito no processo da reforma, o impasse se deu porque o projeto foi ‘engavetado’. Cadê o projeto? As memórias feridas não concordaram com o desfecho seguinte. Era o ‘produto’ de um grupo que se reuniu, discutiu e criou uma proposta. Para uns, essa obra não poderia ser negada de ir à público porque as vozes que definiram o projeto foram nomeadas, legitimadas por uma plenária departamental para decidir o novo currículo do Curso. O impasse ficou marcado pela indignação daqueles que viram o fruto de um trabalho não ser valorizado, reconhecido.

Para Ricoeur (2007), numa experiência temporal complexa, ao ficarmos distante do fenômeno por um tempo, dá mudança na aparência das coisas que a primeira vista não é reconhecida para nós é desconhecível’. O traço comum que esses modos de ser devem compartilhar para gerar operações de reconhecimento é a ‘mudança’. Isso de certa maneira entra na questão do tempo que não é mais o tempo linear, pois: “o caráter formal do tempo como condição subjetiva da recepção das intuições tanto do sentido externo como do sentido interno implica a questão do tempo sobre a mudança” (RICOEUR, 2007, p. 76). Sendo assim, as

variedades de temporalização apresentam graus de dramatização segundo o reconhecimento passe por graus crescentes de equívoco. Exemplo: “o que está aí não é o mesmo...” “depois de tanto esforço, chega outra Comissão e muda tudo...” “negaram a proposta inicial...”. Com isso, chega ao desconhecimento. Essas situações são experiências perceptivas que Ricoeur(2006b) descreve como condição para compreender o reconhecimento como identificação. Do desconhecimento (negar o que é) para o reconhecimento (o reencontro pela identificação).

Com esse entendimento de reconhecimento/identificação, a questão levantada para a pesquisa me instigou a fazer leitura minuciosa das duas versões como tentativa de romper o impasse. No primeiro momento ao ler separadamente as propostas, passei pelo ‘desconhecimento’, pois não via aproximação entre os dois textos. Posteriormente, uma nova leitura foi necessária acompanhando as duas versões paralelamente. Ao comparar os textos, as semelhanças foram aparecendo, inclusive a mesma escrita em algumas partes de ambas produções.

No que tange aos atos de reconhecimento/identificação, não houve a abandono da proposta inicial, mas alterações no texto escrito, ao se fazer modificações textuais para dar mais rigor teórico-metodológico ao projeto, a fim de cumprir as normas de uma produção acadêmica clara e de inteligibilidade na leitura do texto escrito. Desse modo, os atos de currículo limitou-se a alteração dos aspectos performáticos do texto escrito, de modo que pudesse chegar bem ao seu destino final, ou seja, ser reconhecido pelas instâncias deliberativas como documento oficial para implementar novo currículo. A dinâmica de trabalho se manteve como no início. Alterou a escrita do texto com a mesma dinâmica de trabalho com número reduzido de alunos e professores do curso, envolvidas nas discussões.

Atos de reconhecimento de si

O reconhecimento de si está intimamente ligado à atestação: “Reconheço que fiz isso”, “reconheço que sou assim”. Por que escolhemos este ou aquele caminho, estar neste ou naquele lugar, fazer isto ou aquilo? Quem fala por nós quando escolhemos fazer alguma coisa ou participar de determinado evento? O homem diante da obra que é sua própria vida é personagem na ação e o momento reflexivo da práxis ajuda reconhecer intenções e interesses moventes das ações. Nesse sentido:

Duas coisas são fundamentalmente estimáveis em si mesmas: primeiro a capacidade de agir *intencionalmente*, em seguida, a capacidade de introduzir mudanças no curso das coisas, de começar alguma coisa no mundo, em poucas palavras, a capacidade de *iniciativa*. Nesse sentido, a estima de si é o momento reflexivo da *práxis*: é apreciando nossas ações que apreciamos a nós mesmos como sendo autores delas e, portanto, como sendo outra coisa que simples força de natureza ou simples instrumentos (RICOEUR, 1991, p. 162. Grifo do autor).

Desse modo, se reconhecemos que nossas ações/palavras não são simples instrumento ou produto do acaso, damos conta que são discursos consubstanciados por intencionalidades e o reconhecimento de si através da memória ajuda a rememorar essas ações com vistas à refiguração para o cumprimento das promessas.

Dito isso, o recurso da memória para o reconhecimento de si é necessário para irmos ao passado e configurarmos as lembranças na ação reflexiva (*práxis*), a fim de encontrar o autêntico entendimento dos motivos associados à intenção: “lembrar-se é não esquecer, cumprir uma promessa é não traí-la” (RICOEUR, 2006b, p. 124). Quando a intenção ética não trás em si mesmo seu caráter reflexivo, há a ameaça de dobrar-se sobre o eu, fechando-se ao outro.

No tocante ao reconhecimento de si, uma fenomenologia do homem capaz suscita o ‘narrar-se’ como caminho para o homem exercitar sua imaginação ao criar suas próprias expectativas em torno de sua obra apresentada ao mundo, e, além disso, essa obra é constituída por uma intenção ética. O homem diante da obra que é sua própria vida é personagem na ação e o momento reflexivo da *práxis* ajuda reconhecer intenções e interesses moventes das ações.

Queria muito juntar as mãos com outros colegas que se dispusessem e eu encontrei de volta o silêncio. Muita gente preocupada com sua própria disciplina, sem compreender que sua disciplina era um ponto de encontro com as outras, e as pessoas se isolam. (AMARELO)

Parece-me que as pessoas não estão despidas de suas vaidades para pensar o curso, me parece que elas estão negociando terrenos privados de conhecimentos, e não um terreno coletivo do conhecimento, eu acho que isso é uma grande questão, (...)(CARMIM)

Menina, é...eu acho que em alguns momentos eu tenho medo das minhas memórias (riso), talvez não...porque é assim, pensar no passado, pensar no meu percurso, é pensar também na minha atuação, e em determinadas situações é...eu acho que a gente fica se auto avaliando, como foi que me posicionei? Porque que não fiz diferente? Rememorar eu acho que é reviver, então durante esse momento dessa nossa conversa, te digo que em alguns momentos me senti angustiada porque eu lembrei algumas angústias, em outro momento eu me senti feliz porque eu lembrei também de um momento feliz que tive de partilha decisões (BRANCO).

...eu acho que eu até acreditava mais nas pessoas, mas eu vi que o discurso, ele é muito às vezes distante do que a pessoa realmente pensa, o que ela verbaliza, muitas vezes é distante do que ela realmente pensa e da forma como ela conduz a vida. É bom para o outro, mas não é bom pra mim, então eu quero que o outro faça algo que eu não faço. Então isso me fez até ler uma pouco das entrelinhas daquilo que as pessoas falam e até aquilo que realmente as pessoas queiram que você faça pra elas, a forma como você deve agir (VERMELHO).

No acontecimento da reforma curricular, Cada pessoa mergulhada nos próprios projetos tem dificuldade de se deslocar em direção ao outro. Nem sempre o ato utópico da promessa consegue fazer cumprir a palavra. Para Ricoeur (2005, p.5)²: “O passado aparece-nos como povoado de projetos, muitos dos quais ficaram incumpridos, fazendo assim da História o grande cemitério das promessas, não mantidas, do passado”. O mesmo homem que promete se contradiz por ser falível e na falta de acordo de si mesmo com outro, seu projeto de ‘vida boa’ termina por sucumbir e quando isso acontece nenhuma regra de reciprocidade é possível.

Quais os mentores dessa reforma? A quem destinava? Essa interação entre o “eu e o tu” torna-se uma relação capaz de criar sujeitos de direito, haja vista que, quando o eu se vê no tu, acontece o que Ricoeur (2006a) chama de si mesmo como outro. A construção, divulgação e discussão das propostas e sugestões contidas na versão preliminar da reforma, não foram acolhidas de imediato e rompeu com a inércia da relação entre o ‘eu-tu’, sendo inserida em um contexto de falsa veracidade, de dúvida em relação à sinceridade de quem vivenciou o acontecido, já que eu só posso me ver no outro.

² Publicado em *Esprit*, No 210 (1995), pp. 77-82. Texto de uma conferência proferida no Templo da Estrela, na série “Dieu est-il crédible?”. O título foi-lhe atribuído pelos organizadores. Foi pela primeira vez publicada em português na revista *Viragem*, no 21 (1996), pp. 26-29, e republicado in: Fernanda HENRIQUES (org.), Paul Ricoeur e a Simbólica do Mal, Porto, Edições Afrontamento, 2005, pp. 35-40.

Na hermenêutica do si mesmo, a fragilidade humana se ampara na vestidura das vaidades. As narrativas denunciam que a vaidade distorce as ações e camufla as intenções. As negociações foram negadas por ser adotada atitude personalista. Há nessa ação motivos também ocultos que mascaram as próprias fraquezas humanas. A vaidade termina sendo um meio para não mostrar ao outro o quanto somos falíveis e que estamos sujeitos a não corresponder com as expectativas que esse outro tem em relação ao que podemos oferecer. E por que necessitamos nos firmar usando o traje da vaidade? O diálogo com Ricoeur (2006a) mais uma vez vai nos ajudar a fazer essa hermenêutica. Nesse sentido, a ação humana vaidosa no seu avesso encontra a fragilidade. Os agentes tiveram dificuldade em compartilhar os diálogos. Assim, no reconhecimento de si exploramos o contraditório que habita em nós.

Atos de reconhecimento mútuo

No percurso do reconhecimento mútuo, Ricoeur (2006b) investe seu esforço filosófico no sentido de caracterizar o humano pelo poder de agir como sujeito ‘capaz’, dotado de capacidades, potencialidades e disposições, cuja realização só pode ser alcançada no nível intersubjetivo entre práticas sociais e representações coletivas. Todavia para alcançar o ‘estado de paz’, o homem sofre o indizível, já que suas peripécias na esfera social precisa de reconhecimento recíproco. A luta travada é para garantir seu pertencimento na esfera social, cuja trama se organiza de maneira velada fazendo a luta se tornar desigual e sofrida.

Alcançar o reconhecimento mútuo é muito difícil em nossa sociedade tão desigual e concebida pelas relações de conflitos e disputas. Tais conflitos apareceram em diversos momentos do acontecimento da reforma curricular entre os membros das comissões. No calor das narrativas predominou a denúncia de vozes silenciada numa luta desigual. Em outros momentos a luta se pautou na busca do reconhecimento pelo tempo dedicado ao trabalho na comissão, por isso, o mínimo que se busca é o respeito e valorização do trabalho dedicado. Encontra aí a luta pelo reconhecimento na saga heroica de pertença social.

Muitas vezes a Comissão, como talvez pela própria natureza da Comissão que tem que tomar decisões e tem que propor algo, ela acaba sendo soberana em relação o grupo... Eu sempre argumento o seguinte, Bom! Se ela foi constituída pra isso, ela tem que fazer o papel dela, tem que cumpri o papel dela, se abrir muito então acaba perdendo a sua função. Então não dá pra ser tão democrática, abrir pra todo mundo e ouvir todas as vozes, isso em relação da Comissão em relação ao grupo de professores do Colegiado ou do curso. E é provável que dentro da própria Comissão, alguém acabe fazendo sua voz prevalecer (CINZA).

Eu acho que o primeiro passo realmente seria promover uma discussão ampla com professores, com discentes, convidando inclusive professores pessoas que tenha participado de outras propostas de reformulação em outras instituições, fazer um momento mesmo coletivo do que seria, o que é essa reformulação, da importância dela, e dentro dessa primeira discussão geral, leva em consideração um diagnóstico do perfil desses alunos que são atendidos pelo curso também de Pedagogia, da realidade local onde a universidade esta situada e após isso, nesse momento coletivo escolher sim, criar uma Comissão pra poder fazer a discussão dessa reformulação, uma Comissão representativa mais garantindo também uma participação maior dos estudantes (MARRON- discente egresso).

Com isso aprendi que espaço de educação, é uma disputa ideológica. Então acompanhar esse processo foi para além de enxergar além de um papel que o currículo é. Antes pra mim currículo era apenas um documento nada a ver, ai depois que participei desse momento na faculdade aprendi que currículo é espaço de poder, de disputa e tenho outra visão qual a importância do currículo escolar para a educação para o cotidiano da escola. Porque o currículo é a matriz é o que diz da educação qual educação você vai querer. Então o currículo que diz isso. (TURQUESA-discente egresso).

Então tem pessoas que tem uma fala, que é uma fala que diz assim “Essa é!”, e aí de certa forma é enfática, ela acaba não sei se é convencendo o outro, mas isso me deixa muito forte, porque tem pessoas que roubam a cena no discurso e nesse momento quem tem o discurso menos enfático, não é que ele abra mão do desejo, mas é que ele diz assim —Será que eu estou certo mesmo? Será que é isso mesmo?! e acaba se submetendo mesmo que lá na frente venha sofrer essas frustrações, ali adiante (LARANJA).

É guerra de braço como a gente fala, é cada um... aquela brincadeira de criança, você pega a corda lá, eu pego a corda aqui, vê quem puxa a corda mais forte no grupo, eu me sentia desse jeito assim. (...) falava um monte de pedagogo aqui dentro e ficava essa guerra louca aí. Eu me sentia meio misturada aí dentro, eu não dominava, não é uma discussão que eu domino então tinha hora que ficava quieta porque tem horas que você não sabe até onde pode avançar ainda que você perceba os equívocos. Eu ficava meio sem jeito porque você não é pedagoga! Então você não tem cabeça, moral pra botar banca ali, é como se colocasse a gente a parte, era assim que eu me sentia. (VERDE)

E confesso de novo pra você, eu tenho uma grande preocupação, como que a pessoa vai 'sair do seu quadrado' para lembrar que junto dele tem outro 'quadrado'. Como que aquela disciplina vai entrar entre a outra na cabeça do aluno? Na vivência do currículo, eu tô achando um pouco difícil isso, porque você está fazendo o seu pedaço é uma coisa, você está dialogando com outro, é outra coisa. É mais trabalho. Vê o que a gente pode fazer em conjunto, enfim, é uma pessoa sair de si e ir ao encontro com o outro. (AMARELO)

O conflito acontece até que se chegue ao reconhecimento mútuo, por se tratar de encontros entre os diferentes. Com esse entendimento, ainda que os conflitos tenham ocorrido no processo da reforma curricular e a luta pela busca de reconhecimento tenha marcado participações atreladas a interesses pessoais, houve também participação de pessoas dispostas a operações de reconhecimento pela troca entre parceiros gerada pela regra de equivalência regida pelas relações de justiça. Dessa troca o interesse se firmou em contribuir sem almejar reconhecimento social por suas ações. O reconhecimento descolado do 'eu' encontra o si outro para criar potência de vontade com vistas a trabalhar e se envolver no acontecimento em favor da 'mutualidade' das relações entre os indivíduos.

Considerações finais

Objetivei com a pesquisa, interpretar o acontecimento da reforma curricular do Curso de Pedagogia em Jequié, ou seja, fazer uma hermenêutica em torno da trama no sentido de ir tecendo os fios pelos diferentes caminhos percorridos pelos sujeitos a fim de configurar e refigurar as narrativas produzidas no decorrer de oito anos de conversas e deliberações no processo da reforma curricular. Algumas situações escaparam à memória dos sujeitos envolvidos, e o resgate dos acontecimentos foi se tecendo a partir do material rememorado por cada pessoa que participou da trama. As falas foram se oferecendo para a escrita e a refiguração do texto foi se fazendo paulatinamente.

A costura do estudo me levou a ousar explorar o conceito de atos de currículo cunhado por Macedo, quando ele fala em práticas educacionais implicadas responsabilmente nos espaços formativos para se plasmar atos de currículo entre pessoas responsáveis pela formação de outros sujeitos. Com esse entendimento direcionei meu pensamento para os atos

de reconhecimento no sentido de perceber o discurso como potência criadora da ação. Para tanto, fazer uma aproximação com a hermenêutica de Paul Ricoeur foi fecundo com vistas a explorar questões relativas aos sentidos relativos ao que podemos considerar instituições justas ou injustas, homens capazes, também sobre os discursos velados pelos múltiplos sentidos, bem como, identidade narrativa como expressão do si mesmo com o outro.

O estudo me fez pensar que é hora de “despertar” para atos de currículo com engajamento coletivo dentro das instituições de ensino. As políticas de sentido plasmadas no contexto da reforma curricular foram conduzidas por discursos encarnados no personalismo entre sujeitos e grupos articulados dentro das Comissões para firmar uma política de sentido pautada em circunstâncias que realçaram as fraquezas e a falibilidade humana. Na hermenêutica desse acontecimento, foi necessário estar atenta quanto ao papel da instituição universitária nos atos de currículo. Pensar uma instituição mais justa subtende-se propiciar condições de trabalho de modo que os sujeitos se envolvam responsabilmente, ou seja, se impliquem em ações colaborativas tendo encontros para debates que suscitem a reflexão dos sujeitos atentos aos problemas localizados no interior dos currículos pensados e gestados nas instituições de ensino. Nesse sentido, cabe antes de tudo, conhecer as bases legais e daí traçar caminhos norteadores para o alcance de uma reforma curricular eficaz com ações eficientes. Se não há o espírito de implicação de todos, a burocracia das instituições a serviço da produtividade ou do imediatismo aniquilará qualquer projeto político pensado para o desenvolvimento de trabalhos coletivizados. Considero fecundo se ter clareza quanto ao que realmente significa o aporte de um trabalho comissionado no que tange a esse complexo movimento que assume a produção das políticas de sentido em atos de currículo. Para tanto, é contraproducente as Comissões apenas assumirem a função de tecer os fios definidores de uma proposta curricular nutrida por ações tangenciadas por disputas e antagonismos entre seus pares ao que desencadeia aí, falsa bandeira de negociação em torno do projeto pleiteado.

Referências

CRITELLI, Dulce Mára. **A analítica de sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenologia**. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de currículo formação em ato?**; para compreender, entender e problematizar currículo e formação. Ilhéus: Editus, 2011.

RICOEUR, Paul. **L'identité narrative**. Esprit, Paris, 1991.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Sí mismo como otro**. Trad. Carlos Palletro. 3ª Ed. Español. Madri: Siglo XXI Editores, 2006a.

RICOEUR, Paul. **Percurso do reconhecimento**. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2006b.

RICOEUR, Paul. O perdão pode curar? Tradução: José Rosa. Revista Viragem, n. 21, 1996. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/paul_ricoeur_o_perdao_pode_curar.pdf>. Acesso em: 20 de dez. 2014.